

o que não sangrou  
no caminho



## anticanônico

se eu fosse feito de versos  
seria sem métrica nem forma  
cacofonias sem rima  
a própria vida que na origem  
se deforma, desilumina

quando me declamo feio  
sem esmero nos morfemas  
sou para mim mesmo  
e para o mundo um perigo  
perco os freios e o tino

quando me esquivo  
dos escudos do lirismo  
sou carne osso e cinismo  
não caibo em teoremas

sou uma anônima  
anticanônica fissura  
recuso leituras  
como um poema  
que não vale a pena

se eu fosse feito de versos  
eles seriam proibidos  
como o diabo nas novenas



## alfazema

ela não sabe que eu sempre vi  
a poeira incrustada nas unhas  
da casa que não era para dormir  
e o suor que o sol lhe emprestava  
para voltar à rua de buracos  
após os dois ônibus lotados  
com o pão doce na mão irritada  
do produto de limpeza abrasivo  
que tinha de tirar todo o limo  
do chão onde eu não brincava

ela não sabe que eu sempre ouvi  
seu choro limpo dentro do quarto  
escondido sobre a penteadeira  
com os vidros de perfumes baratos  
em forma de leão, golfinho, sereia  
que eu espanava todo sábado  
após passar cera no piso vermelho  
e fingir que era um astronauta  
pilotando a velha enceradeira  
para lembrá-la (de brincadeira)  
de que nenhuma patroa havia ali

ela não sabe que eu soube cedo  
a solidão, o cansaço e o medo  
da jovem mulher já tão viúva  
de dois filhos pequenos na casa

e a história nada incomum  
de um futuro que não se sabia  
além das louças sujas na pia  
do banquete por ela servido  
à mesa onde jamais se sentava

ela não sabe, mas eu já contava  
os dias em que também chorei  
escondido dos olhos brejeiros  
longe de seu colo guerreiro  
que até pouco tempo chamei  
e ainda me livrava, me protegia  
de tudo que um filho temia  
e que só uma mãe espantava

no meu mundo então inventado  
decretei: a toda mãe seria vedado  
o fardo de ser ela também pai  
e não haveria outra casa mais  
que não a do chão avermelhado  
onde uma vez astronauta encarnado  
a bordo da nave-enceradeira  
eu viajaria valente pelo espaço  
para embrulhar uma estrela com laço  
e trazê-la aos pés da alfazema-sereia  
contendo, dos perfumes de revista  
o preferido dessa musa minha  
sentada sem suor à penteadeira  
cantando cirandas e escovando  
seus cabelos grisalhos de rainha

## *in memoriam*

palavras bonitas  
ainda me chamavam  
piscavam seus olhos cor de sonho  
sussurravam em vozes de floresta  
traziam arco-íris e aquarelas  
nas pontas de suas rimas  
batiam asas nas cercanias de meus dedos  
pediam um verso só para elas

tudo em vão!

matei-as asfxiadas  
com os travesseiros da barbárie  
(pedras pintadas de algodão)

palavras bonitas  
não me garantiram o sono para dentro  
não me evitaram os tremores do vazio  
sequer me fizeram chorar de amor  
em tempos de silêncios feios

estes, sim, me tiram o sangue  
lutam contra minhas divindades  
entregam ao algoz a minha espada  
e os meus iguais, todos diversos

condenam-me os vácuos  
a escrever sem entrelinhas  
a não dizer do amor mais nada

palavras bonitas não me salvaram  
do destino de todo soldado lírico  
nestes dias de mudez bélica

enquanto escrevo em memória  
das palavras bonitas já enterradas  
este poema fadado ao fogo  
é testamento, veredito, fina adaga  
no peito da voz livre, encravada

mas nenhum silêncio é para sempre:  
também são bonitas e (se) vingam  
as flores de lótus nascidas na lama  
as filhas bastardas da escória

quem sabe num futuro eloquente  
após o extermínio das mordças  
todas as palavras bonitas  
que eu matei por (auto)piedade  
possam ressuscitar em sonetos  
e me perdoar em decassílabos

## sorte

às vezes eu só preciso  
de uma memória emersa  
dos cânions onde o caos espreita  
para as minhas margens  
sumirem no escuro

não sou a métrica  
sou a urgência

outras vezes eu só posso  
cortar o sol ao meio  
entre o horizonte e o que não vejo  
quando do fundo do abismo  
brota um mantra

não sou a física  
sou a transcendência

todas as vezes eu só quero  
a chance de ver a cor da queda  
para descobrir, de olhos abertos  
que quando me joga, retorno  
e tenho mais sorte que ícaro

não sou a lógica  
sou a insistência

---

EDITOR A

[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)  
[penaluxeditora@gmail.com](mailto:penaluxeditora@gmail.com)

A U T O R

email: [rogerberna@gmail.com](mailto:rogerberna@gmail.com)  
facebook: [/bernardes.rogerio/](https://www.facebook.com/bernardes.rogerio/)  
instagram: [@rogeriovbernardes](https://www.instagram.com/rogeriovbernardes)

---

• *Livros iluminam* •

---

Este livro foi composto em Sabon LT Std  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
pólen soft 80 g/m<sup>2</sup>, em setembro de 2021.

---